



SUICÍDIO DAS MULHERES DESVELADO NO CONTEXTO DO PATRIARCADO E DO CÂRCERE FAMILIAR

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4111

Marlene Ricardi de Souza, UFGD
Linderval Augusto Monteiro, UFGD

Resumo

O artigo que ora apresentamos resulta de fragmentos retirados do trabalho de conclusão da disciplina de Micro-história: micro análise histórica, ministrada no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, Mestrado e doutorado em História – PPGH/UFGD. Ao apresentarmos a obra *Sobre o Suicídio*, de Karl Marx, publicado pela editora Boitempo em 2006, propomos analisar e dialogar com o autor desse pequeno ensaio. Esse debate acadêmico pretende ocorrer em interface com a referida disciplina, com as relações de gênero, as implicações do patriarcado na vida das mulheres. Dos quatro suicídios analisados por Marx, três são de mulheres, corrobora com a proposta metodológica de Micro-história, buscando para além da interpretação, imprimir formulações e explicações históricas. A redução da escala de abordagem proposta pela Micro-história tem extrema relevância, pois representa um ponto de partida, um princípio, por consequência chega-se ao contexto mais amplo, como às relações de gênero e o patriarcado entendido como ferramenta ideológica opressora. Marx analisa o patriarcado e suas múltiplas formas de subjugar, encarcerar e criminalizar as mulheres levando-as ao suicídio. Mulheres vítimas de um marido possessivo, de famílias conservadoras, tradicionalmente cristãs, inseridas numa sociedade que criminaliza as mulheres que cometem “deslizes” ultrajantes ao modelo em questão, como por exemplo, o suicídio de uma jovem de dezoito anos, grávida do tio, um banqueiro parisiense.

Palavras Chave:

suicídio; mulheres; patriarcado; Micro-história.

Introdução

Nesse primeiro semestre de disciplinas do Programa de Pós Graduação de Mestrado e Doutorado em História na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, conheci uma disciplina nova: a Micro Análise Histórica. Pode parecer bobagem, mas para a minha pessoa, há décadas fora do mundo acadêmico, foi uma agradável interação. Nós mulheres feministas tratamos, lutamos e vivenciamos dia-a-dia, na nossa militância a história construída por pessoas comuns, anônimas que saem às ruas por paz, por justiça, dignidade, direito ao trabalho e à preservação dos direitos sociais e trabalhistas já conquistados. Essas conquistas/realizações aparentemente tão óbvias, elementares, mas hoje em dia tão ameaçadas. Sendo assim, a micro-história, entendo se tratar de uma especificidade da história, uma parte da história que faz um vínculo, o qual permite o diálogo com o específico. Uma dada situação da história cotidiana, aparentemente modesta, de um indivíduo ou indivíduo, homem, mulher, mas que de alguma maneira marcou fortemente um período histórico, uma localidade, um lugarejo, ou mesmo uma nação. Dentre as várias leituras ofertadas por essa disciplina, chamo a atenção para o Queijo e os Vermes, A Herança Imaterial: a Trajetória de um Exorcista no Piemonte; Caetana Diz Não; Os Reis Taumaturgos. Obras que dizem respeito a pessoas que de alguma maneira contribuíram para colocar em debate o modelo de sociedade em que estavam inseridas, a exploração a que estavam submetidos, os conflitos pessoais, incertezas ou desilusões. Questionaram, subverteram ou burlaram a “ordem social” e foram à juízo, aos tribunais, apelaram para as leis vigentes em seu tempo para não consumir um casamento forçado, um dogma religioso, ou vários dogmas e a maneira como era explicada a “criação” do universo, ou a utilização de milagres pelos soberanos para a manutenção do poder régio.

Refletindo sobre as referidas obras e as lições aprendidas no decorrer da disciplina, optei por apresentar como trabalho de conclusão a obra de Karl Marx: SOBRE O SUICÍDIO, um livro ímpar, na minha modesta avaliação. Um ensaio importante sobre o machismo, o patriarcado, o modelo de família burguesa calcada nos valores da sociedade ocidental, colonial, desencadeando opressão, violências e cárcere contra as mulheres.

Mulheres vítimas de cárcere, de repressão em relação à sua sexualidade e liberdade de exercê-la antes do matrimônio, entre outras situações de violência.

Nesse artigo, dialogo com autoras e autores como Heleieth Saffioti, Lourdes Bandeira, Tânia Navarro Swain, Giovanni Levi, Emile Durkheim no clássico Suicídio. Os autores acima referidos auxiliam nas análises de como o patriarcado age negativamente na vida das mulheres, produzindo inúmeras violências sendo o suicídio uma dessas consequências nefastas.

Objetivos

Apresentar a obra de Karl Marx sobre o Suicídio das Mulheres;

Analisar à luz das reflexões de Marx as opressões impostas pelo capitalismo na vida das mulheres;

Propor uma análise sobre as causas do suicídio das mulheres através do estudo de Marx;

Reflexões sobre o fenômeno social do suicídio: o suicídio das mulheres sob o olhar de Karl Marx

O estudo/pesquisa realizado por Durkheim publicado em 1987 um amplo estudo científico que colocou uma cunha, foi e é um marco nos estudos sobre o suicídio em suas causas. Para Durkheim o suicídio é todo caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato

positivo ou negativo, executado pela própria vítima e que ela sabia que deveria produzir esse resultado.

De acordo com o sociólogo, cada sociedade está predisposto a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, e o que interessa à sociologia sobre o suicídio que agem não somente sobre os indivíduos isoladamente, mas sobre o grupo, o conjunto da sociedade. Por consequência, cada sociedade tem, em determinado momento da sua história, uma postura definida sobre em relação ao suicídio.

DURKHEIM nos auxilia na reflexão sobre o suicídio, visto que ele nos mostra que o suicídio tem causas sociais, os fatores sociais que agem sobre os indivíduos levando-os a dar cabo da própria vida. Essa análise nos remete a Karl Marx em seu pequeno ensaio sobre o suicídio, pois o interesse de Marx não é apenas sobre o suicídio como tal, mas é mais ‘sobre sua crítica radical da sociedade burguesa como forma de vida “antinatural”’. (LÖWY, p. 15 in MARX).

O suicídio é significativo, tanto para MARX como para Peuchet, sobretudo como sintoma de uma Sociedade Doente, que necessita de uma transformação radical. A sociedade moderna escreve MARX citando Peuchet, que por sua vez cita Jean Jaques Rousseau, é um deserto habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua. Nessa sociedade de luta e complicação impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis portanto o contexto social que explica o desespero e o suicídio. (LOWY, 16 259.)

A reflexão que apresentamos, traz a percepção de Durkheim (2013) que o suicídio não é uma ação/decisão isolada,

ele decorre de todo um contexto social, econômico, ou seja, depende do momento, da situação em que se encontra e convive o indivíduo, homem ou mulher no contexto histórico social.

“Quando a sociedade é fortemente integrada, ela mantém os indivíduos sob a sua dependência, considera que eles estão a seu serviço, e, por conseguinte, não lhes permite dispor de si mesmos conforme seu capricho. A sociedade se opõe então a que os indivíduos se furem pela morte aos deveres que tem ara com ela. Mas quando eles se recusam a aceitar essa subordinação como legítima, como poderia ela impor essa supremacia? A sociedade já não tem então, a autoridade para mantê-las em seu posto, quando eles desejam desertá-lo, e, consciente de sua fraqueza, chega a lhes reconhecer o direito de fazer livremente o que ele não pode mais impedir”. (DURKHEIM, p. 259)

Nesse contexto lançamos mão da análise de Karl Marx (p. 17) sobre essa sociedade opressora em relação as mulheres, como também inclui os aspectos elencados acima por Durkheim, a dependência dos indivíduos em relação à sociedade. Nesse sentido Marx analisa, questiona e traz a tona questões profundas e múltiplas dos aspectos opressivos. Ou seja, Marx se refere ao macho opressor que trata sua mulher como um avarento trata o cofre de ouro, a sete chaves: “Como uma coisa, “uma parte de seu inventário”. (LOWY, pág. 19). E ainda, “A reificação capitalista e a dominação patriarcal são associadas por MARX nessa acusação radical contra as modernas relações da família burguesa, fundadas sobre o poder masculino”. (LOWY, pág. 19). Nessa direção, corroborando com a análise e discorrendo/denunciando uma sociedade que dita comportamentos e invade a vida privada das mulheres, SWAIN, (2008) afirma o seguinte:

“Este é o cotidiano de tantas mulheres, debatendo-se no dispositivo da sexualidade em ação,

que institui e destitui identidades, dita comportamentos, práticas, representações e, sobretudo, auto-representações. Firma-se pelo discurso da mídia, da ciência, da psicanálise, das imagens repetidas sem cessar, criando modelos aos quais devo me ajustar, impondo insidiosamente, padrões de conduta, valores que devem permitir minha inclusão social, meu pertencimento a um grupo, selo de minha saúde física e mental”. (SWAIN, 2008, p.286.)”.

Ao escrever um ensaio sobre suicídio, Karl Marx analisa, pesquisa quatro suicídios, destes três são de mulheres. Tomando como base a sociedade capitalista e sua crítica ferrenha a esse sistema machista, patriarcal racista e opressor que acomete as mulheres de inúmeras violências levando-as ao suicídio, quando não são assinadas pelos parceiros, companheiros, namorados, ex-maridos. A vida privada de três mulheres, que cometeram suicídio chamou a atenção de Karl Marx, e nos remete a uma análise com a ferramenta que chamamos de micro análise histórica, que segundo Levi, (in Burke, 1992. p.133) assim se configura:

“A micro história é essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas, e, certo sentido ecléticas. O método está de fato relacionado em primeiro lugar e, antes de mais nada, aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho da historiografia e assim, a micro-história não pode ser definida em relação às micros dimensões de seu objeto de estudo”.

Por consequência é possível estabelecer uma conexão entre os casos de suicídio pesquisados por Karl Marx, os quais foram assim analisados, tratados por Marx. No ensaio, Marx relaciona esses suicídios com a opressão patriarcal. No primeiro caso uma jovem é levada ao suicídio por seus pais, ilustrando a brutal autoridade do pater- e da mater-famílias;

Marx denuncia com veemência a covarde vingança dos indivíduos habitualmente forçado à submissão na sociedade burguesa, contra os ainda mais fracos que eles. Essa jovem e o noivo decidiram transgredir as regras da família, e experimentaram, vivenciaram a sexualidade um do outro e praticaram o ato sexual pouco tempo antes do casamento. Descoberta pelos pais, vítima de xingamentos e humilhações na frente dos familiares e outras pessoas, decidiu dar cabo da sua vida suicidando-se.

O segundo exemplo de uma jovem da Martinica trancada entre quatro paredes da casa por seu marido ciumento, vítima de cárcere privado e, ao que chamo atenção, vítima do cárcere familiar. Uma mulher aparentemente paparicada, rica, tinha uma vida abastada. E para quê? Que sentido tem a vida de uma mulher se ela não pode conviver com outras pessoas? Partilhar e compartilhar a sua existência? A solidão, o cárcere, o confinamento dentro de sua própria residência a levou ao desespero, à desesperança, ao suicídio. Aos olhos do jovem Marx, o poder patriarcal dos homens sobre as esposas, as mulheres e a atitude de “donos”, possuidores zelosos de uma propriedade privada. O terceiro caso refere-se a um problema que se tornou uma das principais bandeiras do movimento feminista depois de 1968: o direito ao aborto. O direito das mulheres decidirem sobre o seu corpo, os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Uma jovem que entra em conflito com as regras, normas que a sociedade impõe as mulheres, prática essa, aliada a religião e ao estado que na prática deveria ser laico. De acordo com BANDEIRA, in Venturi e Godinho (orgs) (2013, p. 66), o lar e a família ditam regras e comportamentos que julgam adequados às mulheres e as levam a cumprir.

“No recesso do lar, da família, sob o julgo de um “chefe” desempenha-se o labor destinado a garantir os processos vitais de sobrevivência do homem em sua porção “animal”.

Desde a antiguidade a “lei da casa” era o princípio orientador, manejado no escopo de vencer as “necessidades” e assegurar a sobrevivência dos membros da família. Esse espaço foi “estabelecido” historicamente como reservado ao desconhecido, ao estrangeiro. A esse espaço foi “determinado” o desempenho feminino. Qualquer mulher que “ousasse” quebrar as “regras” estabelecidas (mesmo que no plano simbólico) estaria correndo risco de vir a ser objeto de violência.”

Essa jovem que cometeu o suicídio estava grávida do marido da tia (tio posticho), um banqueiro parisiense. Recorreu a um médico influente pedindo ajuda para realizar um aborto, tendo em vista o desespero em que se encontrava. Obteve uma recusa, pois o médico alegou que não poderia ajudá-la porque cometeria um crime e que ela deveria cumprir o “seu destino”. A moça suicidou-se, ela tinha dezoito anos. Os percalços percorridos por essa menina, as diversas tentativas de apegar-se a alguma esperança, porque mesmo em tenra idade sabia das consequências nefastas à sua vida em decorrência da sua transgressão.

Nessa análise a obra de Marx afirma o seguinte: “O suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se com o resto. Somente com uma reforma do sistema geral da agricultura e indústria podemos esperar por fontes de recursos e uma verdadeira riqueza”. Na crítica ferrenha do jovem Karl Marx, nesse ensaio instigante, SAFFIOTI (2013, p. 19) faz uma reflexão sobre as mulheres e o capitalismo afirmando que:

“as classes sociais são atravessadas pelas contradições de gênero e de raça. O capitalismo não criou a inferiorização social das mulheres, mas se aproveita do imenso contingente feminino acirrando a disputa e, portanto aprofundando a desigualdade entre os sexos”.

Resultados

O resultado que almejamos ao apresentar esse ensaio de Marx: Sobre o Suicídio, esse é o título da obra, é estabelecer uma conexão entre os/as várias/vários autores e autoras sobre a temática de gênero que pesquisam, debatem e denunciam a opressão, violência, o preconceito e a violação dos direitos humanos das mulheres e a contribuição que o ensaio de Marx Sobre o Suicídio como emento essencial para enfrentar o patriarcado, o machismo imposto às mulheres por uma sociedade colonial, calcada em valores ocidentais.

Considerações Finais

Conforme as leituras realizadas na disciplina de Microanálise Histórica, posso afirmar que o ensaio de Marx Sobre o Suicídio, suscita um debate, uma provocação, que sai do privado, do particular, da vida íntima das mulheres e desencadeia uma análise maior, contribuindo para a discussão sobre o tal “papel da mulher”, “lugar de mulher”, ou o comportamento dito adequado as mulheres estipulados pela sociedade ocidental, que apesar dos avanços e conquistas de direitos políticos, sociais e trabalhistas, as mulheres ainda sofrem com o preconceito, o machismo, as violências perpetradas contra elas, em todas as classes sociais e em todas as sociedades.

Por esse motivo, entendendo a relevância do tema proposto por Karl Marx no contexto da luta das mulheres no enfrentamento a todas as formas de violência, bem como, nos estudos e pesquisas acadêmicas, visto que Marx contrapõe o sistema capitalista e apresenta elementos que aprimora a submissão e opressão em relação às mulheres por esse sistema econômico.

Referências

BANDEIRA, Lourdes, in VENTURI, Gustavo & GODINHO, Tatau (orgs). **Mulheres Brasileiras e Gênero nos espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública.**

Fundação Perseu Abramo, Ed. SESC, 2ª edição.
2013. São Paulo.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: Estudo de Sociologia/prefácio Carlos Henrique Cardim**; tradução Mônica Stahel. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Biblioteca do Pensamento Moderno.

LEVI, Giovanna in Burke, Peter, (org); **A Escrita da História: Novas Perspectivas. Tradução de Magda Lopes**. São Paulo, Ed. UNESP 1992.

LÖWY, Michael in MARX, Karl, **Sobre o Suicídio**: tradução de Rubens Enderle e

Francisco Fontanella – São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX Karl, **Sobre o Suicídio**; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella- São Paulo: Boitempo, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

STEVENS, Cristina M. T, SWAIN, Tania. N. (orgs). **A construção dos Corpos. Perspectivas Feministas**. Florianópolis: editora Mulheres. 2008.